

# A ficção do português: rupturas e permanências

## *The fiction of the portuguese: ruptures and continuities*

Tatiana Batista Alves  
UFF

**Resumo:** O artigo analisa como a obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, representa o português colonizador do Brasil. Ao relatar minuciosamente a formação do povo lusitano e afirmar sua aptidão para a miscigenação, o autor Gilberto Freyre se diferencia dos discursos oficiais da época no sentido metodológico e inventa um personagem empreendedor e contemporizador, que se destaca positivamente dos demais colonizadores europeus. Por sua vez, o português colonizador também inventa a imagem da sociedade brasileira- a ficção da ficção. Ao afirmar que a nossa colonização formou uma sociedade e uma cultura híbridas, o autor não se esquece de apontar para o caráter híbrido do português, no que diz respeito as suas origens. Análise polêmica, que recebe críticas severas ao longo dos anos, a obra é também um das maiores contribuições para o entendimento da formação da sociedade brasileira patriarcal e escravocrata quando analisa elementos da história da intimidade, nunca antes observado metodicamente pelos estudiosos brasileiros.

**Palavras-Chave:** Ficção. Ciência. Português. Colonização. Sociedade.

**Abstract.** *The article examines how Casa-grande & senzala, Gilberto Freyre, represent the portuguese colonizer of Brazil. To thoroughly report the formation of the lusitanian people and their ability to miscegenation, the author Gilberto Freyre transcends the official discourse of the time and builds an entrepreneur and temporizing character that stands out positively from the other European colonizers. In turn, the Portuguese colonizers also invents the image of brazilian society - fiction from fiction. To say that our colonization formed a partnership and a hybrid culture, the author does not forget to point to the hybrid character of the Portuguese, regarding its origins. Controversial analysis, which receives severe criticism over the years, the work is also a major contribution to the understanding of the formation of patriarchal slavery and brazilian society.*

**Keywords:** *Fiction. Science. Portuguese. Colonization. Society.*

...Uma história se conta, não se explica.  
Jorge Amado

O terceiro capítulo de *Casa-grande & senzala* procura definir os contornos do colonizador português. Ao construir a imagem do lusitano, muito mais que diferenciá-lo dos índios e negros, o ensaio procura estabelecer as características que o fazem superior aos demais colonizadores europeus, basicamente o espanhol e o inglês, na visão do autor.

Figura vaga [a do colonizador], falta-lhe o contorno ou a cor que a individualize entre os imperialistas modernos. Assemelha-se nuns pontos à do inglês; noutros à do espanhol. Um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo do contemporizador. Nem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis. (C.G.S., 189)<sup>1</sup>

É pela imagem criada do colonizador “contemporizador” e flexível que Gilberto Freyre abordará a miscigenação no Brasil. A imagem imprecisa do português poderia ser um problema para o escritor, mas, ao contrário, é encarada como um ponto positivo, pois se a sociedade brasileira é híbrida, devido à fusão dos três grupos étnicos, o próprio colonizador já vinha também de uma origem híbrida. Para o sociólogo, essa característica tornou o português mais flexível frente às diferenças culturais e religiosas dos nativos e dos escravos africanos.

Num movimento pendular, Gilberto Freyre procura equilibrar a balança caminhando sempre de um lado para o outro — ora mostrando o português como um genial colonizador, ora apresentando o seu lado truculento nas relações de poder com os escravos. Entretanto, a subjetividade do autor fala mais alto, e acabam sendo fortalecidos os aspectos positivos do português.

O escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos. É verdade que, em grande parte, pela impossibilidade de constituir-se em aristocracia europeia nos trópicos: escasseava-lhe para tanto o capital, senão em homens, em mulheres brancas. Mas independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com a mulher exótica. Para o cruzamento e miscigenação. Tendência que parece resultar da plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu. (C.G.S., 189)

---

<sup>1</sup> Todas as citações de *Casa-grande & senzala* partem da edição FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime e economia patriarcal*. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. Elas serão referidas por C.G.S., para simplificar a leitura.

No fragmento acima, é importante observar que se trata de uma interação voluptuosa “com a mulher exótica”, imagem construída e ainda muito atual no senso comum. Sem falar que esse “contato voluptuoso” dava-se na maioria das vezes pela violência sexual.

A maleabilidade do português também favoreceu a deformação e a caricatura de sua imagem no sentido de vulgarizá-la à medida que foi se miscigenando com os negros e índios. Em estilo literário, o autor mostra que o nosso colonizador é visto de forma achatada — a imagem do bufão, do gordo e do guloso por quitutes e negras. Para Gilberto Freyre, tal deformação seria um preconceito com o fundador da “maior civilização moderna nos trópicos”. Portanto, a tentativa de torná-lo herói aparece como um contraponto ao estereótipo do português como figura engraçada e quixotesca, difundida pelo resto da Europa e, de certa forma, admitida pelos brasileiros após a proclamação da República.

A deformação do português tem sido sempre em sentido horizontal. O achatamento. O arredondamento. O exagero da carne em enxúndia. Seu realismo econômico arredondado em mercantilismo, somiticaria, materialização bruta de todos os valores da vida. Seu culto da Vênus fosca, de formação tão romântica como o das virgens louras, desfigurado em erotismo rasteiro: furor de don-juan das senzalas desadorado atrás de negras e mulecas. (C.G.S.,190)

Mesmo tendo uma posição que enaltece o colonizador, Gilberto Freyre nos oferece uma imagem múltipla e rica de tudo o que vê, porque mostra os antagonismos das pessoas, de suas relações e da própria história.

Outro aspecto importante é a distinção do colonizador e do português da metrópole. A obra aponta que, na colônia, o poder da Igreja foi substituído pelo poder da casa-grande de engenho, fato que será determinante na nossa organização social, bem como nos nossos costumes e cultura. Os jesuítas tinham como inimigos os senhores de engenho, já os demais padres, “gordos e moles”, acomodavam-se à casa-grande — muitas vezes morando nela — como pessoas da família, como aliados do sistema patriarcal. É muito importante essa caracterização freyreana do português colono, porque nos dá suporte para compreendermos as estruturas política e social da nossa sociedade, que bebem até hoje na fonte do patriarcalismo, nas relações de senhor e escravo.

Para representar a imagem do colonizador, o autor se utiliza dos mesmos recursos do resto da obra; dentre eles, conta histórias, “causos” de que ouviu falar, para dar mais veracidade a sua tese, deixando-nos a sensação de estarmos lendo algo íntimo, um segredo, aquilo que é informal, como a passagem abaixo.

Narra Coreal que dizendo um dia a um santista já ter servido entre ingleses flibusteiros o homem imediatamente arrepiou. Perguntou-lhe mais de trinta vezes se Coreal não era herege. E apesar de todas as suas afirmativas em contrário não resistiu ao desejo de espargir com água benta o aposento em que estavam. (C.G.S., 199)

A proposta de Gilberto Freyre é apresentar o português como o homem cosmopolita, capaz de se relacionar com várias etnias e de formar o brasileiro, homem híbrido, indefinido, amálgama de várias origens. O ensaio deseja mostrar que o colonizador foi capaz de se misturar não apenas com o índio e o negro, mas com europeus das mais variadas procedências que aqui chegavam. Livres da suspeita de heresia, todos eram recebidos amigavelmente, na visão do autor. Essa liberalidade com as demais etnias é resultado da própria composição cosmopolita e heterogênea do povo lusitano, “formando um todo social plástico”. A obra vai até o português histórico para demonstrar sua tese. Ao apresentá-lo como um indivíduo híbrido já nas suas origens, procura, na verdade, saudar o português colocando-o como herói na história da colonização brasileira, porque seria o verdadeiro responsável pela maior riqueza da nossa nação — a diversidade cultural e uma “etnia” formada a partir da mistura. O ensaio ainda aponta que esse caráter “plástico e macio” do português vem da herança africana que suavizou a inflexibilidade europeia. Gilberto Freyre marca enfaticamente essa diferença que existe entre a península ibérica, sobretudo em Portugal, e o resto da Europa — o quente e o macio peninsular em oposição ao frio e rígido anglo-saxão. Quando afirma que Portugal foi uma região de fácil trânsito “para onde primeiro e com mais vigor transbordaram as ondas de exuberância africana” (C.G.S., 208), Freyre não estabelece um confronto entre o exotismo africano e a rigidez cristã portuguesa. Ao contrário, sugere uma fusão no sentido de transformar a cultura lusitana em algo mais suave e, agora sim, cordial. “De modo que ao invadirem a península, árabe, mouros, berberes, mulçumanos foram-se assenhoreando de região já amaciada pelo sangue e pela sua cultura; e talvez mais sua que da Europa” (C.G.S., 208).

A tentativa de exaltação do povo lusitano percorre toda a obra, mas, sem dúvida, será mais recorrente no capítulo III de *Casa-grande & senzala*, que tratará especificamente do colonizador. Chega mesmo a ponto de confrontar a bondade cristã portuguesa com a frieza e crueldade dos judeus que habitavam em Portugal. A criação do Tribunal do Santo Ofício seria uma forma de “conter os ódios que se levantaram quentes, fervendo, contra a minoria israelita”.

Os judeus haviam se tornado antipáticos menos pela sua abominação religiosa do que pela falta completa de delicadeza de sentimentos, tratando-se de

questões de dinheiro com os cristãos. Suas fortunas acumularam-se principalmente pela usura, proibida pela Igreja aos cristãos, ou pelo exercício, na administração pública, nas grandes casas fidalgas (...). (C.G.S., 208)

Dessa forma, o português, mais uma vez, é transformado em herói. Contudo, não se pode associá-lo diretamente ao modelo de herói cristão produzido pela literatura romântica do século XIX, que é valorizado pelo fato de ser branco, europeu e, sobretudo, cristão. O português de *Casa-grande & Senzala* é heroificado porque possui a superioridade da cultura europeia e a alma do continente africano, já é, portanto, híbrido, vindo de uma sociedade “móvel e flutuante”, que se desenvolvia através de intensa circulação horizontal e vertical entre vários povos. Um povo “cujo passado étnico e social não acusa predomínio exclusivo ou absoluto de nenhum elemento, mas contemporizações e interpenetrações sucessivas.” (C.G.S., 217) Configura-se, portanto, uma tese baseada tipicamente na concepção dialógica.

Já contemplado em vários estudos, o português se afirmaria pela sua transição entre o Oriente e o Ocidente e, mais tarde, pela presença na América. No Brasil, será a partir dos estudos de Gilberto Freyre que teremos dados, referências e informações baseados em profunda pesquisa para entender melhor a especificidade do português, pois o autor afirmará a nossa pluralidade a partir da verificação do “não-europeísmo” do colonizador lusitano. Pela comprovação do caráter híbrido do português, apresentará e justificará sua tese sobre a formação nacional brasileira a partir da miscigenação de raças e culturas e, portanto, a partir de dialogismos étnicos e culturais. A experiência portuguesa do bicontinentalismo começa em sua pré-história e é retomada com a colonização do Brasil. É a partir daí que o estudo de Gilberto Freyre justifica o processo da miscigenação: a capacidade do português de existir a partir dos contrastes, do plural, das diferenças, e que mais tarde é transferida à sociedade brasileira, torna-o capaz de conviver com o outro em harmonia e de se adaptar a outros espaços. Assim, a própria relação senhor e escravo permite que o africano (escravo) assuma também o papel civilizador na sociedade patriarcal. Da mesma forma, elementos que em muitos países são motivos de lutas e separações, no Brasil acabam por se harmonizar. Importante ressaltar que não se trata de harmonia no sentido pacífico de que todos os segmentos tiveram voz participativa no processo de formação da sociedade brasileira, mas no sentido de se adaptar, de se acomodar com a cultura do outro, e, por esse motivo, o autor também afirma e constata que a cultura brasileira é genuinamente negra.

Será a partir dos ensinamentos de seu maior mestre, Franz Boas, e da observação de uma cultura mestiça no Brasil que Gilberto Freyre perceberá a diferença entre os conceitos de raça e de cultura. A ideia de uma raça híbrida estaria associada a uma noção de não-raça, isto é, o

cruzamento impossibilitaria a existência de uma raça. Essa inexistência ou “a-racialidade” (McNee, 2006) seria a base não só do português, mas, sobretudo, do tipo brasileiro, porque “vira uma racialidade hiperbólica. A singularidade da nação se apoia precisamente no seu confronto com a raça” (McNee, 2006). Esse tipo novo é concretizado no espaço da escrita e da poeticidade, formando, dessa forma, uma verdade inventada por ambivalências e interações de ideias, espaço de fascínio e de repulsa. Aos olhos da contemporaneidade, verifica-se que sua análise está ultrapassada sob muitos aspectos, mas não se pode deixar de reconhecer e de respeitar o seu pioneirismo nos estudos culturais e na micro-história. Gilberto Freyre apresenta uma proposta de texto inclusiva, na medida em que dá voz a pequenos representantes da história e também a escritas não-hegemônicas, isto é, que não eram tratadas como “disciplinas”. O grande liame da questão, que deu espaço a inúmeras críticas posteriores, é que as pequenas vozes que conversam em *Casa-grande & senzala* acabam, muitas vezes, “cantando” a música lusitana, no sentido de abrandar as imagens truculentas produzidas no sistema colonial. Quando aponta para o caráter plástico do português (o europeu com alma africana) através da hibridez cultural, Freyre não só suaviza aquele que está no poder como o próprio colonialismo, construindo um Brasil “cronicamente viável”. O próprio autor entende que o português foi o colonizador capaz de estabelecer “o sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, entre senhores e escravos.” (C.G.S., 379)

Ao criticar o conceito de raça, Gilberto Freyre acaba tomando também um pensamento a partir das bases econômicas, porque direciona a análise para o modo de produção colonial, no qual a “casa-grande” e a “senzala” dariam conta de explicar a singularidade brasileira. O autor afirma também que a dualidade cultural e de caráter dos portugueses, promovida pelo enlace com os povos árabes e africanos, foi fortalecida pelo sistema de escravidão, que estreitava as relações entre culturas e etnias diferentes. Após a afirmação cristã em Portugal, os mouros tornaram-se escravos, favorecendo assim a influência dessa etnia (leia-se escravo) sobre o povo português (leia-se senhor). Diz o autor de *Casa-grande & senzala*: “influência que predispõe como nenhuma outra para a colonização agrária, escravocrata e polígama — patriarcal, enfim — da América tropical” (C.G.S., 208).

É possível apontar para o autor romântico, mas nunca associá-lo à ideologia romântica do século XIX. É preciso entender que se trata do seu caráter idealizador e subjetivo. Seu nacionalismo está muito mais em sintonia com a postura modernista, no sentido de querer refletir e responder o que é o Brasil, pela combinação de culturas. Essa sintonia, porém, merece algumas

ressalvas significativas: se pensarmos sobre a relação entre cultura e raça na obra de Gilberto Freyre, verificaremos sua diferença em relação a muitos contemporâneos modernistas, embora todos tenham o mesmo objetivo. *Casa-grande & senzala* dialoga com os modernistas de 1922, no sentido de apresentar outra tese que difere da deles. Se a 1ª geração entendia a mestiçagem como mistura e cruzamento das três etnias e culturas para formar um quarto produto — o brasileiro — que não seria nenhum dos três, mas algo formado a partir deles, Gilberto Freyre apresenta outra perspectiva. Para ele, o brasileiro seria tudo ao mesmo tempo, isto é, sua ideia de miscigenação seria o caráter plural do indivíduo, a capacidade de ser múltiplo, vários ao mesmo tempo. Não seria mais a mistura oswaldiana, formando um outro, mas a presença de todos ao mesmo tempo, uma formação tipicamente polifônica. Para comprovar tal tese, o autor decompõe o brasileiro contemporâneo até chegar a seus mínimos denominadores — o índio, o negro e o português — fazendo um grande inventário de cada manifestação brasileira e de suas origens. A tese é fortalecida ainda mais quando ele mostra a multiplicidade ao decompor a figura do português — o colonizador formado a partir da união do ocidente com o oriente — e, logo em seguida, ao transpor essa imagem híbrida para o povo americano.

Nesse momento, é coerente com o seu estudo a reflexão sobre o conceito de mestiçagem, porque se trata de uma ideia do povo brasileiro/povo mestiço, a partir da noção do povo lusitano, também povo mestiço. Esclarecendo melhor, a presença das várias culturas no processo civilizatório do Brasil se daria pela capacidade do colonizador de conviver com as demais culturas, dentro do espaço da casa-grande. Essa capacidade se explicaria na própria origem da cultura portuguesa — formada pela presença de várias outras, pelo convívio entre senhor e escravo.

Há, portanto, nessa abordagem, uma transposição para os trópicos desse mecanismo de hibridização ocorrido na Península Ibérica, que só é possível, segundo Freyre, no sistema patriarcal de escravidão. Nesse sentido, Freyre prova que a família patriarcal é a base da formação não só da sociedade como da esfera pública. Através da convivência entre as três culturas, na casa-grande, formar-se-ão os mecanismos de relação das instituições públicas e a cultura brasileira, fundamentadas, principalmente, na confusão entre o público e o privado. É evidente que Gilberto Freyre inaugura uma nova posição que daria conta dessa sensação de indefinição no momento de se definir o brasileiro.

Distinguindo raça de cultura e por isto valorizando em pé de igualdade as contribuições do negro, do português e — em menor escala — do índio, nosso autor [Gilberto Freyre] ganha forças não só para superar o racismo que vinha

ordenando significativamente a produção intelectual brasileira mas também para tentar construir uma outra versão da identidade nacional, em que a obsessão com o progresso e com a razão, com a integração do país na marcha da civilização, fosse até certo ponto substituída por uma interpretação que desse alguma atenção à híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou. (Araújo, 2005:28)

A heterogeneidade do português-colonizador, bem como a sua integração com diversos grupos sociais, caracteriza a nossa colonização e a formação da sociedade brasileira. Portanto, a obra construirá a imagem de um português rabelaisiano, cheio de contrastes, porque foi habituado a viver no espaço da cultura oficial e da popular ao mesmo tempo. Ricardo Benzaquen de Araújo (2005) já aponta para a forte relação do estudo de Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*, porque ambos preocupam-se com o universo de uma civilização baseada em contrastes entre a “cultura oficial, baseada na seriedade, na hierarquia e em aristocráticas separações, e uma popular, preocupada com a promoção da familiaridade, da liberdade e do humor.” (Araújo, 2005:66) É um quadro extremamente contraditório, pois volatiliza o problema da divisão de classes entre pobres e ricos com sua ideia de miscigenação, mas inova quando retrata poeticamente a vida privada das pessoas comuns e quando destrói a hierarquização das raças e inventa um Brasil desejado na imaginação utópica.

Apresentar uma leitura fechada de *Casa-grande & senzala* é algo extremamente conflitante, na medida em que a própria obra não conclui, isto é, não constrói um sistema fechado. A obra é uma tese, com suas hipóteses e comprovações, mas comprovações extremamente vivas e abertas e, por isso, não comunga com os discursos acadêmicos tradicionais. Ela permite múltiplas interpretações e um debate infinito, pois, sendo sua grande questão *o que é ser brasileiro*, trata de algo que está sempre em construção, uma vez que, enquanto o brasileiro existir, estaremos sempre refletindo e ao mesmo tempo construindo a nossa brasilidade. Pesquisar o que nos faz brasileiros não se trata de pensar em algo que foi, mas de alguma coisa que é e sempre será. Essa perspectiva envolve a questão do tempo e da história em processo, em que o passado, o presente e o futuro não devem existir de forma isolada. O conceito de tempo tríplice, formulado por Gilberto Freyre, é um dos pontos principais para se entender a tese contida em *Casa-grande & senzala*. Entender o que é ser brasileiro na visão de Gilberto Freyre é analisar a partir de uma concepção de história, cultural e de tempo contínuos, isto é, passado, presente e futuro estão conjugados para sempre. O nosso presente é a continuidade de um processo histórico, portanto,

um tempo em formação, vivo, que se renova num processo cíclico, no qual a história é eterna e infinita.

*Casa-grande & Senzala* deixa muito claro que a história do Brasil não tem fim e deve ser vista a partir de várias vertentes. Gilberto Freyre, para explicar o brasileiro, vai até o português histórico para entender o nosso colonizador nas raízes. Da mesma forma, procurou entender quem eram os habitantes que já aqui viviam - os índios - e, por fim, quem foram as pessoas que formavam a força motriz da nossa cultura e da nossa economia, os escravos africanos. Para se tentar construir uma imagem do brasileiro, o autor segue um método indutivo de raciocínio, ou seja, a reflexão parte de um dado particular para o geral. No caso, partimos de observações isoladas sobre o índio, o negro e o português, seus hábitos, suas origens e suas culturas para, então, examinarmos e chegarmos a um dado geral — a sociedade brasileira. Portanto, o autor pressupõe que a cultura brasileira é algo vivo, fruto de um constante diálogo com culturas que se cruzam e demonstra como culturas anteriores a nossa foram reinterpretadas e absorvidas pela sociedade atual e como aspectos do passado possuem vida na cultura brasileira. O tempo trípico freyreano entende que existe um diálogo entre culturas distintas no tempo e no espaço, capaz de deixá-las vivas além do seu tempo, herdadas, relidas e reformuladas por culturas posteriores. A proposta fundamental de *Casa-Grande & Senzala* está ligada diretamente à ideia do grande tempo. Trata-se de avaliar a capacidade que a cultura portuguesa, a indígena e a africana tiveram de se manter vivas na cultura brasileira, ganhando novos sentidos, através de um grande diálogo entre si no “grande tempo”.

Essa leitura é esclarecida na medida em que Gilberto Freyre em nenhum momento faz análise de fatos isolados, ao contrário, os fatos para ele estão sempre relacionados. Assim, a primeira conclusão a que chegamos é que a leitura de *Casa-grande & Senzala* deve ser feita a partir das concepções de tempo trípico e de fatos relacionados, isto é, não podemos fazer análise dos fatos isolados no seu tempo e no seu espaço. Tal postura de observação mostra-se como uma questão capital, quando se deseja fazer uma leitura crítica da obra. Freyre coloca os dois lados da moeda do sistema escravocrata, sem deixar, porém, de eleger um lado como ponto de vista — o lado do colonizador. A obra faz um movimento pendular — para mostrar que a nossa miscigenação é marcada por antagonismos — mas não é uniforme. Valoriza-se muito o sistema e o colonizador, e em alguns momentos mostram-se as suas mazelas e fatos hediondos cometidos com os nativos e com os escravos. Como se fosse uma estratégia metodológica de persuasão, o autor vai de um ponto ao outro, mostrando as contradições e os antagonismos da história, mas

sem deixar de colocar mais peso no lado benéfico da colonização portuguesa. Percebe-se que é um ponto da obra em que o autor se coloca “em xeque”, na medida em que acentua a nossa cultura formada a partir da relação do mais alto (o senhor) com o mais baixo (o escravo), numa perspectiva muito festiva e utópica. É necessário considerar que Freyre tenha “errado na mão”, ao desenvolver, a partir dessa relação, sua tese de sociedade híbrida, pois, quando apresenta esse tema, acaba amenizando as relações de poder e a hierarquia entre o senhor e o escravo, gerando, assim, a polêmica em torno da ideia de democracia racial.

Por outro lado, se o olhar predominante na obra é o do português-colonizador, não podemos deixar de notar também que, curiosamente, *Casa-grande & senzala* termina com o olhar do dominado — a voz do escravo — mostrando que o dia-a-dia do negro não foi só de alegria, que muitos escravos se suicidaram comendo terra, enforcando-se ou se envenenando, por causa dos maus tratos ou do “banzo”, saudades da África. Aponta para as doenças de brancos que os negros domésticos adquiriram e as que se apoderaram deles devido à má higiene no transporte da África para América. As contradições são infinitas na própria história relatada e na forma de se relatar. Sua conclusão se dá repentinamente e não representa o apanhado da obra, isto é, não resume o viés que ele vai eleger como ponto fundamental: o lado que diz que o Brasil só foi possível devido à capacidade de contemporização e a maleabilidade do colonizador português. Analisando a estrutura da obra, podemos notar também que o último parágrafo termina subitamente, não seguindo o estilo tradicional de um parágrafo conclusivo. O autor termina com uma citação de outro estudioso, dando-nos a sensação de que o texto teria prosseguimento. A sensação de algo inacabado é justificada porque, em primeiro lugar, *Casa-grande & senzala* é a primeira parte de uma trilogia, que segue com *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso*; em segundo lugar, porque o autor entende que a história não tem fim, ou seja, uma obra não deve ser conclusiva, já que os fatos possuem continuidade, renovam-se. É como se a história da colonização do Brasil não tivesse terminado, mas se renovado, estivesse em processo, readaptando-se e se transformando à luz dos novos costumes e da nova mentalidade da sociedade. A escolha dessa conclusão é realizada muito mais pelo escritor do que pelo cientista, para poder seduzir o leitor. Assim, elimina-se qualquer possibilidade de rejeição da obra por causa de uma ideologia ou olhar único. Nas várias, porém pequenas pinceladas em que ele mostra o grito da senzala e, sobretudo, também na finalização do livro, o autor procura anteparar-se para uma crítica que o acusaria de unilateralismo. Portanto, se o ensaio é a imagem da intimidade da casa-grande, contraditória e inesperadamente, o último *flash* é o da senzala. Dessa forma, as

estratégias discursivas da obra são elementos fundamentais na construção do sentido. O estilo literário, a linguagem escolhida, a estrutura da obra e o uso da língua devem ser levados em consideração para o bom entendimento da obra freyreana. Não estamos diante apenas de um escritor “que fala bonito”, mas diante de uma obra cujo sentido é produzido pela soma das pesquisas e dos dados colhidos pelo autor, mais as imagens construídas pela linguagem — o plano literário. Ler *Casa-grande & senzala* é perceber que estamos concomitantemente diante de conteúdos científicos e de estruturas literárias. Nesse sentido, é muito importante que o leitor saiba diferenciá-los, identificando o que é realidade e o que é ficção para a construção do Pensamento Social Brasileiro.

Entender a obra como um texto inacabado, híbrido e contraditório não significa falta de caráter analítico; ao contrário, a ausência de uma conclusão fechada amplia a tensão argumentativa, tornando possíveis revisões e releituras contínuas, haja vista a imensa variedade de análises da obra. Ricardo Benzaquen de Araújo, por exemplo, diz que o emprego da oralidade em *Casa-Grande & Senzala* facilita o caráter inacabado da obra. Portanto, mais uma vez, constatamos que a metodologia discursiva é tão importante quanto os dados e conceitos presentes no texto. A oralidade, o falar comum, é o instrumento que melhor ilustra as raízes da nossa tradição popular — linguagem e objeto de estudo estão sempre em sintonia na obra. Esse estilo permite que o autor transfira para o interior da obra a ambiguidade, o excesso e a instabilidade próprios das relações sociais da casa-grande. O tom de conversa, de bate-papo que a obra propicia termina por subverter o pensamento científico estilizado e, ainda, permite com que haja um raciocínio paradoxal, uma espécie de reflexão dicotômica, na qual a cada avaliação positiva possa se suceder uma crítica ou vice-versa. Logo, se a oralidade é um ponto negativo dentro da ciência tradicional da época, nas análises freyreanas será um elemento impulsionador da cadeia reflexiva. A sua argumentação será enriquecedora justamente porque estabelece contradições entre princípios coerentes, que, em vez de se anularem, caminham de forma justaposta.

Portanto, é possível concluir que o discurso de *Casa-grande & senzala* está sempre em sintonia com seu objeto, sobretudo no terceiro capítulo, em que se analisa a figura do português. Ao demonstrar que a sociedade brasileira se formou a partir do cruzamento, das trocas, de uma miscigenação cheia de contradições, Gilberto Freyre constrói um texto híbrido, formado também pela pluralidade, pela miscigenação de várias formas de representação da cultura brasileira e, também, pelo equilíbrio de antagonismo, como se o texto, o próprio discurso, fosse um monumento que representasse o caráter e a cultura brasileira, isto é, como se o verbo se

transformasse no objeto. Os antagonismos que se equilibram são a principal marca da cultura brasileira e do próprio ensaio freyreano. O vai-e-vem, o zigzague discursivo e o caráter inacabado também acentuam isso na obra. Assim, não se trata de um processo dialético, em que a reflexão é marcada por progressivas ideias que se opõem e se negam, mas sim de uma análise dicotômica, na qual os conceitos se dividem em partes contrárias que se complementam.

A tensão intelectual entre o Gilberto Freyre e a escola paulista (num primeiro momento, os modernistas dos anos 1920 e, depois, o grupo da USP dos anos 1950 e 1960) ocasionou algumas leituras equivocadas de *Casa-grande & senzala*. Explicando melhor, ficamos com a sensação de que ou devemos abraçar a corrente marxista dos paulistas ou a corrente mais liberal do grupo pernambucano, representado por Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Tal obscurantismo chegou ao limite de extinguir os estudos freyreanos nos cursos de Ciências Sociais durante os anos 1970 e 1980, já que o período da ditadura militar obrigava-nos a fazer escolhas políticas e ideológicas. Infelizmente, algumas escolhas (inevitáveis!) conduziram-nos à desaceleração e ao empobrecimento do pensamento intelectual brasileiro. A breve análise dessa questão não deseja estabelecer as diferenças conceituais entre ambos os grupos, o objetivo é mostrar que não se trata de escolher uma corrente, negando cegamente a outra, nem muito menos desejar um equilíbrio harmonioso das duas. O importante é que os estudiosos aproveitem essa tensão intelectual positiva e, infelizmente, tão rara em nosso país para promover conhecimento. Em vez de evitar um possível “mal-estar” acadêmico, são necessários a reflexão e o embate contínuo para a evolução do Pensamento Social Brasileiro. Por isso, são corretas as palavras de João Cezar de Castro Rocha (2004:249) sobre tensão no sistema intelectual brasileiro, quando reflete sobre a cisão entre paulistas e Gilberto Freyre:

Ler com olhos menos comprometidos a tradição do pensamento social brasileiro talvez estimule a escrita de relatos que, em lugar de trincheiras, estabeleça pontes para compreensão mais fecunda, quer dizer, mais complexa, especialmente de pensadores cuja orientação não coincida com a nossa.

Nesse sentido, devemos reconhecer que Gilberto Freyre, sobretudo em *Casa-grande & senzala*, teve um papel fundamental, senão revolucionário e inovador, nas Ciências Sociais e na historiografia do Brasil. A preocupação com o singular, com a micro-história, com a experiência individual e com a sociologia na vida cotidiana passou a ter, no Brasil, valor fundamental na investigação de uma sociedade e de sua cultura. Essa metodologia inovadora já dava seus primeiros indícios não só no Brasil, através de Freyre, mas também nos EUA, com a *New History*,

na U.R.S.S., nos estudos de Mikhail Bakhtin, e na França, através da Escola da Annales. Portanto, o sociólogo brasileiro passa a ser uma espécie de ponte intelectual entre os trópicos e o resto do mundo. Reconhecendo a importância de sua obra nos estudos sobre o Brasil e a América Latina, Gilberto Freyre foi convidado a fazer parte de várias comissões de revistas e de centros de estudos dos mais renomados do mundo. Em 1942, por exemplo, o autor foi convidado por Georges Gurvitch para ser membro do comitê do *Journal of legal and political sociology* e, também em 1945, Fernand Braudel o convida para ser membro, representando o Brasil, da *Revista da Annales (Annales d'histoire économique et sociale)*.<sup>2</sup>

Na 2ª edição de *Casa-grande & Senzala*, já podemos verificar a necessidade do autor em dialogar e acentuar suas posições e diferenças com demais críticos e estudiosos. Examinando também os sucessivos prefácios de Freyre a *Casa-grande & senzala*, vemos ratificada sua posição positiva no que diz respeito às divergências para a evolução do pensamento intelectual. Nos prefácios, que vão desde a 1ª edição (1933) até a 20ª edição (1980), encontramos reavaliações de considerações passadas do próprio autor, e, ao mesmo tempo, uma relação de diálogo com o leitor e com a crítica presente. Nem sempre nomeando, mas recorrendo muitas vezes ao “dizem que eu...”, “dizem que minha obra...”, Gilberto Freyre procura dialogar com as reflexões que se opunham às dele. Também nas notas de rodapé, constantemente ampliadas e alteradas, o autor aproveita para corroborar ou negar comentários sobre a obra de algum crítico da época. Com isso, deduz-se que era intenção do ensaísta manter atualizadas a reflexão e a avaliação sobre a sua obra. Estamos, portanto, diante de um pensador que valoriza o debate e o confronto de ideias. Como um verdadeiro produtor de conhecimento, não tem medo das críticas, nem do mal-estar, não se fecha arrogantemente em seu gabinete com livros “comparsas”. Ao contrário, possui uma visão de quem prima pelo crescimento intelectual, ultrapassando o círculo de pessoas que comungam com seu pensamento, para dialogar com as mais diversas expressões.

A partir desse ponto, podemos passar exatamente para o outro lado da moeda, no qual a ideia de democracia racial acaba fortalecendo as diferenças entre classes. Ou seja, a sensação de miscigenação cultural e étnica mascara a luta de classes. É importante percebermos que, muito mais que ideologia, estamos diante de um mito que intensifica a ideia de unidade nacional (do brasileiro híbrido, a mistura de todos) e, conseqüentemente, a sensação de que a nação brasileira é contemporizadora e, portanto, não violenta. A nação fica preservada em sua integridade, a partir da noção de que a sociedade brasileira é fruto de uma união democrática entre índios, negros e

---

<sup>2</sup> As cartas encontram-se nos arquivos do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre

brancos. Se fomos capazes de tal façanha, devemos estar associados à imagem de pacificadores, e nunca ligados ao autoritarismo e à tirania. Esse é o nó que Gilberto Freyre não foi capaz de desfazer, ao contrário, foi uma imagem que ele produziu, e que nossa sociedade a comprou por muito tempo.

Não obstante, gostaríamos de finalizar retornando à primeira perspectiva desse jogo que é *Casa-grande & senzala*, lembrando que, pela primeira vez, um intelectual branco e brasileiro, amplamente reconhecido, nos traz elementos de valorização da cultura negra numa época em que a sua valorização era condenada pelos governos e pela sociedade. Enquanto o mundo pregava a pureza racial, Gilberto Freyre enaltecia a cultura brasileira, afirmando que o grande diferencial do brasileiro, aquilo que o torna mais rico culturalmente dos demais povos é justamente a sua composição híbrida, que o faz um indivíduo plural e maleável. Para tal comprovação o autor desobedece às linhas do pensamento e do discurso científico da época, criando uma escrita híbrida, com estrutura e estilo que retratam o próprio objeto de estudo – o brasileiro.

## Referências

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre Nos anos 30*, 2ª ed., São Paulo: Ed.34, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. (trad. Yara Frateschi), 4 ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: EDUNB, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime e economia patriarcal*. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Fatos isolados e fatos relacionados”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/04/1950. (Disponível na Biblioteca virtual Gilberto Freyre – <http://bvgf.org.br>)
- MCNEE, Malcolm K. “O sublime e o monstruoso: a poética nacional-monumental de Gilberto Freyre e Francisco de Oliveira” [Comunicação para a ABRALIC, Simpósio: Leituras multidisciplinares sobre o *topos* e seus sentidos na contemporaneidade, Rio de Janeiro/UERJ: Abralic, 4 de agosto de 2006].
- ROCHA, João Cezar de Castro. “Gilberto Freyre e a escola paulista” in. *O exílio do homem cordial*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.

## Bibliografia

- ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma” in. *Notas de Literatura I* (trad. Jorge de Almeida), (coleção Espírito Crítico), São Paulo: Duas cidades, 34. eEd. , 2003.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre Nos anos 30*, 2ª ed., São Paulo: Ed.34, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. (trad. Yara Frateschi), 4 ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: EDUNB, 1999.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia*. (trad. Nilo Odalia) São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

COUTINHO, Edilberto. *A imaginação do real: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília: INL, 1983.

FEBVRE, Lucien. “Préface”. In. FREYRE, Gilberto. *Maitres et Esclaves*. (trad. /Roger Bastide), Paris:Gallimard, 1952.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime e economia patriarcal*. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. “Fatos isolados e fatos relacionados”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/04/1950. (Disponível na Biblioteca virtual Gilberto Freyre – <http://bvgf.org.br>)

\_\_\_\_\_. *O mundo que o Português criou*. (coleção documentos brasileiros), v.28, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940.

MCNEE, Malcolm K. “O sublime e o monstruoso: a poética nacional-monumental de Gilberto Freyre e Francisco de Oliveira” [Comunicação para a ABRALIC, Simpósio: Leituras multidisciplinares sobre o *topos* e seus sentidos na contemporaneidade, Rio de Janeiro/UERJ:Abrialic, 4 de agosto de 2006].

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *Leituras Cruzadas: diálogos da História com a Literatura*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000.

ROCHA, João Cezar de Castro. “Gilberto Freyre e a escola paulista” in. *O exílio do homem cordial*. Rio de Janeiro:Museu da República, 2004.

## Tatiana Batista Alves

---

Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ. Bacharelou-se e licenciou-se em Letras pela UERJ. É professora do Colégio Pedro II desde 2005.

Trabalha desde 2010 com o projeto Leitor em formação, do Núcleo de estudos e pesquisas transdisciplinares em comunicação, educação, língua, literatura e sociedade Colégio Pedro II.

E-mail: [tatianabatistaalves@hotmail.com](mailto:tatianabatistaalves@hotmail.com)

*Enviado em 30 de julho de 2015.  
Aceito em 20 de fevereiro de 2016.*